



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NIETZSCHE E A CRÍTICA A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO

Maria Catarina Ananias de Araújo

Universidade Estadual da Paraíba mariacatarinaan@gmail.com

GT1 - História da Educação

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo expor a crítica do filósofo alemão Friedrich Nietzsche a educação moderna de modo geral e a concepção histórica do ensino nas escolas alemãs de seu tempo. Nietzsche é sem dúvidas um dos maiores críticos da tradição moderna e a educação não poderia lhe passar despercebida. Em sua concepção o ensino moderno está contaminado pela valorização excessiva da cultura histórica e seus personagens. Essa valorização desmesurada privilegia os acontecimentos do passado prejudicando o desenvolvimento do presente, da realidade factual, tornando o ensino em uma espécie de repetição enfadonha e desnecessária que limita a criatividade dos indivíduos. Ainda de acordo com Nietzsche, esse modelo de educação é preservado nas instituições modernas porque ela atende aos interesses de uma elite tida como erudita que deseja perpetuar-se no poder moldando os indivíduos a seu gosto e assim controlá-los. Nessa perspectiva, podemos compreender a importância da crítica nietzschiana a educação moderna e sua contribuição para enquanto educadores, refletirmos sobre a realidade do ensino atual seja no âmbito público, seja no âmbito privado.

Palavras-chave: Nietzsche. Educação. Cultura histórica. Ensino.

1 INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi, indubitavelmente, o crítico mais implacável que a modernidade conheceu. Em suas reflexões ele faz um violento ataque a subjetividade moderna ou ao modelo lingüístico-moral empregado ao sujeito, modelo este que como interesse principal sustentar o discurso humanista. Para explicar essa questão ele começa por desmascarar a busca da verdade que os filósofos tanto se empenham em desvendar. Por que Nietzsche desaprova essa busca? Será que ele considera a verdade inatingível? Não. O questionamento não diz respeito à verdade em si, o que o incomoda Nietzsche é a chamada “vontade de verdade” que tanto os filósofos alimentam o que ela representa segundo ele é a negação ou fuga da vida.

A vida conforme Nietzsche significa tudo e em seu cerne tudo se realiza. O falso e o verdadeiro, o bom e o mal, o certo e o errado fazem parte da vida e não há espaço para hierarquias nesse processo. O que os filósofos fazem diante disso? Ao invés de ressaltar essas características próprias da existência as escondem e distorcem produzindo assim a desvalorização do humano.

Por que os filósofos agem dessa forma? Eles agem assim porque segundo Nietzsche, não suportam a angústia que o processo da vida gera, passando então a procurar um conforto, uma tranquilidade, uma certeza. Qual é essa certeza? A certeza de que a verdade existe e que eles têm acesso a ela. Ao constatar isso Nietzsche percebe que o que se deseja realmente não é encontrar a verdade e sim um conforto espiritual.

A busca de conforto espiritual disfarçada de busca pela verdade sustentada pela metafísica é o que fomenta o ataque Nietzscheano à concepção de sujeito que na realidade, não passa de uma ficção gramatical, onde ao desenvolvermos a linguagem a estruturamos de modo que o sujeito fique colocado no desempenho da ação tornando-se um ser lingüístico e não ontológico. Essa armadilha da linguagem confere a sustentabilidade necessária para a afirmação do falso discurso propagado pela filosofia moderna.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por qual motivo não percebemos o estratagema da linguagem e acreditamos sermos seres autênticos e autônomos? Ora, porque nos tornamos vítimas do niilismo que inculca em nossas mentes preceitos morais e ideológicos que aceitamos como verdadeiros, justamente por acreditarmos na nossa consciência livre e autônoma. É nesse contexto que o sujeito segundo o pensamento Nietzscheano vive dentro de uma peça de ficção, onde os valores dos fracos são introjetados nos fortes.

O que o ataque Nietzscheano à subjetividade moderna tem a ver com a educação? Tudo. Se há no discurso moderno o interesse de introjetar nos indivíduos os valores que os filósofos e a filosofia da cultura julgam serem verdadeiros nada mais convenientes do que usar o sistema de ensino para disseminá-los, daí a preocupação de Nietzsche com as questões educacionais.

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise da obra *Escritos sobre educação* com a intenção de identificar e estruturar a crítica de Nietzsche às instituições de ensino de sua época. Demonstrando os motivos pelos quais ele desaprova o sistema moderno de educação.

2 O ENSINO E SUA CONCEPÇÃO HISTÓRICA

Nietzsche inicia sua reflexão questionando uma característica marcante do ensino nas instituições alemãs, a valorização excessiva da cultura histórica que exalta de forma exagerada os personagens do passado, fato que impede de imediato a possibilidade de construção de uma cultura renovada e mais adequada à atualidade. De acordo com DIAS (1991):

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica, que, ao privilegiar os acontecimentos do passado, retira do presente sua efetividade e desenraiza o futuro. Uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

história, um pensamento que não servem para engendra vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana (DIAS, 1991, p.60).

A preocupação do nosso autor com a formação dos jovens na Alemanha é justificada a partir do momento em que a educação funda-se na concepção histórica, não priorizando a capacidade de inovação dos educandos, não desejando formar indivíduos criativos e capazes de superar o pensamento vigente.

Por que isso ocorre? Porque existe por parte da filosofia moderna e demais beneficiados o interesse na manutenção da cultura histórica, pois ela pode moldar o sujeito a gosto dos que desejam escravizá-los. Logo, a educação é influenciada pela cultura vigente que usa os estabelecimentos de ensino para garantir sua reprodução. Conforme o próprio Nietzsche afirma:

Os ginásios podem, portanto, ser ainda hoje viveiros da erudição, mas não desta erudição que é somente, por assim, dizer, o efeito secundário natural e não premeditado de uma cultura dirigida aos objetivos mais nobres, mas antes daquela que seria preciso comparar com a inchação hipertrofiada de um corpo malsão. Os ginásios são exatamente os viveiros para onde e transplantada essa obesidade acadêmica, quando são degeneram a ponto de se transformarem em escolas de gladiadores desta elegante barbárie, que agora se pavoneia com o nome de “cultura alemã atual” (NIETZSCHE, 2003, p.96).

A cultura histórica lança mão de ilusões sedutoras através do ensino, faz com que todos os homens busquem tornarem-se cultos, para trabalhar por ela, no que parece ser o interesse de cada um se revela o interesse de poucos – este é o princípio do pensamento



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vigente, fazer com que o sentido da existência de todos seja sucumbido pelo sentido da existência de alguns.

Para Nietzsche a cultura e a cultura histórica são confundidas por isso acontece a distorção e a conseqüente desvalorização da cultura autêntica. Sob a ótica histórica, a cultura só tem fundamento se for necessariamente fomentada a partir da própria história. Nietzsche por seu turno afirma que a cultura só tem fundamento se for fomentada a partir da vida concreta.

É preciso ficar claro que Nietzsche não tem a ingenuidade de opor à história a ausência de sentido histórico. O que discute é em que medida a história pode ser útil à vida. Analisa as causas e descreve os sintomas da doença histórica: a expansão do saber e o conseqüente enfraquecimento da cultura. Nós não somos feitos para saber, o saber é quem é feito para nós. A vida tem necessidade da história e a história é própria do ser vivo. O excesso de história, no entanto, envenena a vida (DIAS, 1991, p.61)

Fica claro então, que Nietzsche não condena a cultura histórica em si mesma e sim o seu uso exagerado por parte da filosofia moderna. É importante conhecer o passado e seus personagens, mas não em demasia como acontecia na Alemanha com o intuito de modelar os indivíduos segundo determinados interesses.

Infelizmente não há parte dos filósofos modernos a vontade de equilibrar ou dosar o conhecimento da cultura histórica nos estabelecimentos de ensino. À cultura é atribuído o papel de formar técnicos eficientes, dóceis e acríticos produzindo uma verdadeira barbárie disfarçada de erudição.

A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão “correntes” quanto possível, um pouco no sentido em que se fala



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de uma “moeda corrente”. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a tornar-se “corrente”. Formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e lucro (NIETZSCHE, 2003,p.62).

Este é o verdadeiro objetivo da cultura na perspectiva moderna, conduzir os indivíduos segundo a lógica econômica, onde o conhecimento é tratado como algo improdutivo sem valor efetivo, só tendo valor aquele saber destinado ao lucro. Este último representa o conhecimento vago e estático que tira da vida o seu sentido. Nietzsche rejeita essa forma de saber não por considerá-lo inútil, mas por ela não conter em si os valores essenciais. Essa é, segundo o pensamento Nietzscheano a diferença entre a cultura verdadeira e a cultura falsa que é disseminada nas instituições educacionais.

Portanto, meus amigos, não confundam esta cultura, esta deusa etérea, delicada e de pés ligeiros, com esta útil escrava que se costuma chamar às vezes de “cultura”, mas que é somente a criada e conselheira intelectual das necessidades da vida, do ganho, da miséria. Além disso, toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência (NIETZSCHE, 2003).

Essa é a crítica que Nietzsche faz aos estabelecimentos de ensino, ao invés dessas instituições com seus mestres e alunos refutarem a cultura falsa, a edificam através de



seus conteúdos programáticos. Logicamente, estas instituições são obrigadas pelas circunstâncias a formar os jovens de acordo com as exigências da atualidade, mas mesmo assim não podem ser consideradas instituições de cultura no sentido pleno da palavra.

A primeira vista Nietzsche pode parecer intransigente demais com essas instituições, mas na verdade ele só quer nos advertir a respeito do conhecimento limitado que era repassado aos jovens da Alemanha, conhecimento que prepara para a profissão e desprepara para a vida, abrindo mão da cultura autêntica em prol da cultura histórica e inautêntica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que acontece nos estabelecimentos de ensino que desperta o descontentamento de Nietzsche com a educação? Essas instituições manipuladas pelo Estado privilegiam o passado e seus personagens, não abrindo espaço para inovação e para fomentação de uma cultura verdadeira.

No pensamento Nietzscheano a idéia de sujeito livre e autônomo difundida pela filosofia moderna é uma farsa, não passando de pura estratégia dos “fracos” para dominar os “fortes” e a educação moderna também faz parte dessa estratégia se enquadrando nesse sistema de dominação.

O Estado fornece ao sistema de ensino: os objetivos, os mestres e os métodos para enaltecer a cultura histórica e o cientificismo, reproduzindo no sujeito seus valores. E, assim, para usar uma linguagem tipicamente Nietzscheana a “ovelha” vai dominando o “lobo”. Logo, o sujeito moderno é vítima do ensino histórico cientificista tornando-se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um ser indiferente a sua própria vida, insensível e sem força vital, mesmo acreditando ser senhor de si mesmo e de seus atos.

Ao analisar o sistema de ensino moderno. Nietzsche deu uma importante contribuição para a compreensão dos problemas educacionais de sua época que continuam presentes nos dias atuais. Daí é necessário recorrer sempre que possível as suas considerações sobre educação para refletirmos sobre as condições do ensino que cada vez mais, torna-se desumanizado.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Lou Salomé. *Nietzsche em suas obras*. Tradução José C. M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1994

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmund Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976

DIAS, R.M. *Nietzsche educador: Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Spicione, 1991.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim Lourenço. Lisboa: Presença, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LUKESI, L.L. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1997.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NIETZSCHE, F.W. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: Ed. Puc- Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Graal/Paz e Terra, 1991.